

PAISAGEM DO BAIRRO BOM JESUS (RS) CONSTRUÍDA E PERCEBIDA POR ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rafaela Mattos Costa¹

Carina Petsch²

Kátia Kellem da Rosa³

234

Resumo

Apresentam-se reflexões sobre o ensino de paisagem local a partir da relação com o cotidiano e o lugar. Realizou-se práticas pedagógicas com uma turma de 6º ano do ensino fundamental de uma escola estadual do bairro Bom Jesus, município de Porto Alegre/RS. Utilizou-se de fotografias da cidade e do bairro como recurso didático e solicitou-se aos educandos que representassem a paisagem de um lugar importante para eles e que expressassem sua percepção sobre a paisagem do bairro. Os elementos mais citados foram os observáveis através da visão e do olfato, sendo que os cheiros, geralmente, vinham acompanhados de características ruins como “estranho” ou “de bicho morto”. Constatou-se a possibilidade de utilizar as descrições dos estudantes como recurso didático para abordar outros conteúdos e que o uso de recursos que remetem ao lugar possibilitou uma maior aproximação dos educandos com o ensino de Geografia.

Palavras-chave: Geografia Escolar; Ensino Fundamental; Paisagem; Local-lugar; Cotidiano.

LANDSCAPE OF NEIGHBORHOOD BOM JESUS BUILT AND PERCEIVED BY STUDENTS OF FUNDAMENTAL EDUCATION

Abstract

Reflections on landscape teaching are presented based on the relationship with daily life and the place. Pedagogical practices were carried out with a class of 6th grade of elementary school in a state school in Bom Jesus neighborhood, municipality of Porto Alegre/RS. Photographs of the city and the neighborhood were used as a teaching resource and students were asked to represent the landscape of an important place for them and to express their perception of the neighborhood's landscape. The most cited elements were those observable through sight and smell, and smells were usually accompanied by bad characteristics such as "strange" or "dead animal". It was verified the possibility of using the students'

¹Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: raffaellamattos@hotmail.com – ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-0496-7377>;

²Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: carinapetsch@gmail.com – ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-1079-0080>;

³Professa do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: katiakellem@gmail.com – ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-0977-9658>.

descriptions as a didactic resource to approach other contents and that the use of resources that refer to the place made it possible for the students to get closer to the teaching of Geography.

Keywords: School Geography; Elementary School; Landscape; Local-place; Daily.

PAISAJE DEL BARRIO BOM JESÚS CONSTRUIDO Y PERCIBIDO POR ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN FUNDAMENTAL

Resumen

Se presentan reflexiones sobre la enseñanza del paisaje a partir de la relación con la vida cotidiana y el lugar. Las prácticas pedagógicas se llevaron a cabo con una clase de 6° grado de en una escuela estatal del barrio Bom Jesus, municipio de Porto Alegre/RS. Se utilizaron fotografías de la ciudad y el barrio como recurso didáctico y se pidió a los estudiantes que representaran el paisaje de un lugar importante para ellos y que expresaran su percepción del paisaje del barrio. Los elementos más citados fueron los observables a través de la vista y el olfato, y los olores solían ir acompañados de malas características como "extraño" o "animal muerto". Se verificó la posibilidad de utilizar las descripciones de los estudiantes como recurso didáctico para acercarse a otros contenidos y que el uso de recursos que hacen referencia a la ubicación posibilitó que los estudiantes se acercaran a la enseñanza de la Geografía.

Palabras-clave: Geografía escolar; Enseñanza fundamental; Paisaje; Local-sitio; Diario.

Introdução

Esta pesquisa foi concebida e construída diante da necessidade de debatermos os conceitos de paisagem e lugar no cotidiano dos alunos, significando os termos dentro da vivência diária dos discentes. Sendo assim, o objetivo do presente artigo é apresentar reflexões sobre o ensino de paisagem local quando abordado a partir de sua relação com o cotidiano e o lugar, em uma turma de 6º ano do ensino fundamental de uma escola localizada no bairro Bom Jesus, na cidade de Porto Alegre/RS.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos anos finais do Ensino Fundamental pretende-se garantir a continuidade e a progressão das aprendizagens dos anos iniciais. A Geografia, a partir de suas unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades, deve complexificar a compreensão conceitual a respeito da produção do espaço (BRASIL, 2017). Sobre a organização da BNCC para a área de Geografia, Ascensão (2020) ressalta que:

A estrutura da BNCC para a área da Geografia está organizada em cinco Unidades Temáticas que percorrem o 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ao 9º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental – O sujeito e seu lugar no mundo; Conexões e escalas; Mundo do trabalho; Formas de

representação e pensamento espacial; Natureza, ambientes e qualidade de vida (Ascensão, 2020, p. 186).

Segundo Callai (2017, p. 86), na busca da construção do conhecimento, a tarefa escolar é “trabalhar com conteúdos específicos, com o desenvolvimento de habilidades e com a construção de conceitos”. De acordo com a BNCC, entre os conceitos a serem trabalhados no 6º ano do ensino fundamental está a paisagem (BRASIL, 2017). Ainda segundo a Base, na paisagem local são retratados os conceitos de natureza; as disputas por recursos e territórios que expressam conflitos entre os modos de vida das sociedades originárias e/ou tradicionais; e o avanço do capital (BRASIL, 2017).

Diante das novas demandas apresentadas pela BNCC, o professor de geografia precisa criar estratégias para atender suas exigências. Incluindo-se, na trajetória docente, refletir sobre as práticas pedagógicas que proporcionam um melhor ensino-aprendizagem dos conteúdos, conceitos e processos nas aulas de Geografia, recriando recursos e didáticas conforme a condição do aluno e considerando a influência do entorno na construção do conhecimento (COSTELLA, 2013).

A paisagem urbana foi considerada como o recorte para o planejamento e prática das aulas, considerando o contexto espacial no qual está inserido a escola. Segundo Cavalcanti (2008, p. 52), paisagem é “o domínio do que é vivido diretamente com nosso corpo, com nossos sentidos – visão, audição, tato, olfato, paladar; ou seja, trata-se da dimensão das formas que expressam o movimento da sociedade”. Através da observação e compreensão dessas formas, torna-se possível a análise do espaço sendo, portanto, essencial à geografia a formação desse conceito (CAVALCANTI, 2008). A partir do exposto por Cavalcanti (2008), onde a autora enfatiza o uso dos cinco sentidos para se vivenciar e experienciar a paisagem, Tuan (1980) complementa que cada indivíduo irá enxergar e perceber de forma diferenciada segundo sua personalidade, idade, aspectos socioambientais e as próprias experiências. Para Santos (1998, p. 61) “a paisagem não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc”. Nesse sentido, a paisagem deve perder aquela velha conotação que aprendíamos há alguns anos, definida como “tudo aquilo que podemos ver pela janela”.

Outra definição que comumente se ouve é sobre a paisagem ser vista e imaginada como bela e harmoniosa. Kaercher (2007) afirma que é necessário superar essa ideia e considerar que as mazelas sociais também fazem parte de muitas paisagens. Assim, é essencial ressignificar esse conceito em sala de aula, caso contrário, fica restrita a ideia de paisagem àquilo que não faz parte da realidade (da maioria) dos alunos. Ou ainda, que paisagem é aquela natural com rios volumosos, florestas e animais felizes.

A análise de uma paisagem envolve, segundo Callai (2017), a observação, descrição, comparação, estabelecimento de relações, correlação, conclusão e síntese. Para isso, a autora afirma que é essencial considerar que a paisagem tem uma dimensão histórica, pois mudam a todo momento. Além disso, é relevante analisar os interesses - econômicos, políticos e culturais - envolvidos na sua construção e mudanças, não reduzindo-a ao certo ou ao errado. Também expressa o modo de vida dessas pessoas, fazendo parte da identidade delas e, assim, estudar a paisagem de um local é importante para entender a realidade das pessoas que ali vivem.

Costella (2013) afirma que é inegável a influência do entorno na representação do conhecimento. E, nesse sentido, Kaercher (2010, p. 72) questiona “se ela (Geografia) está em nosso cotidiano por que não problematizar isso em nossas aulas com os nossos alunos, em vez de, simplesmente, ditar-lhes aulas?”. Cavalcanti (2013, p. 148) corrobora ao também apresentar a importância das experiências anteriores ao período escolar: “levar em conta o mundo vivido dos alunos implica apreender seus conhecimentos prévios e sua experiência em relação ao assunto estudado”.

Callai (2017) afirma que uma das questões mais significativas no ensino de geografia diz respeito à escala de análise que será considerada. A autora destaca que os níveis escalares possíveis são: o local, o regional, o nacional e o global. Porém, afirma que local que traz em si os demais níveis, pois é nele que as relações se materializam (CALLAI, 2017). Ademais, ao estabelecer relações entre diferentes escalas, proporcionamos o desenvolvimento do raciocínio geográfico nos alunos, que de acordo com Ascensão e Valadão (2017), trata-se de um modo de operação intelectual que possibilita a criação de variadas interpretações espaciais. Nessa perspectiva, Kaercher (2013) afirma que a

forma mais eficaz de ensinar o estudante a “verler” o mundo é buscar, primeiramente, o que o cerca.

Deve-se considerar, portanto, o local e lugar onde está inserida a escola, bem como o lugar de origem dos estudantes e sua classe social, ao construir junto a eles os conteúdos, como a paisagem, e os conceitos e processos que a envolvem. Para o presente estudo, considerou-se que o conteúdo da vida diária das pessoas conecta-se de modo recorrente com a paisagem, o lugar e o cotidiano - categorias geográficas (ANDREIS, 2009).

Por sua vez, relacionando o cotidiano ao lugar, segundo Santos (2006) afirma que o lugar, assim como o conceito de território, é ao mesmo tempo materialidade e imaterialidade, sendo vivido e percebido, ou seja, é a dimensão espacial do cotidiano. Callai (2013) corrobora, e aponta que o lugar se refere à espacialidade, enquanto o cotidiano abrange às vivências dos alunos, as pessoas de convívio, os acontecimentos e aspectos culturais, que formam a identidade e pertencimento. Sendo assim, o lugar é a representação espacial daquilo que é experienciado no dia a dia do aluno. Callai (2000), complementa que

Ao estudar o lugar, então, pode-se desencadear dois níveis de aprendizagem: um, referente ao conhecimento e compreensão do lugar e, o outro, de se trabalhar, a partir de exemplos, questões da geografia de modo a entender determinados mecanismos de construção do espaço (CALLAI, 2000, p. 103).

A partir do exposto, enfatiza-se que local e lugar são conceitos que, embora estejam relacionados, possuem diferentes significados. Nessa perspectiva, Kaercher (2013) afirma que é necessário “diminuir a distância” do que é abordado em Geografia e considerar que há sempre questões urbanas e ambientais, por exemplo, para com os espaços, situações e pessoas de vivência dos alunos. Portanto, a relação entre escala (local) e identidade (lugar) “diminui a distância” não no plano escalar e cartográfico, mas no plano de construção de territorialidade e identidade. Ademais, o estudo do lugar é o ponto de partida para atingir a compreensão de fenômenos geográficos mais distantes (CALLAI, 2017). Sendo assim, define-se o local nos remete a pensar a questão escalar e territorial, enquanto o lugar nos remete a pensar a questão de identidade e

territorialidade. Os locais se tornam lugares só depois de fazerem sentido para os estudantes.

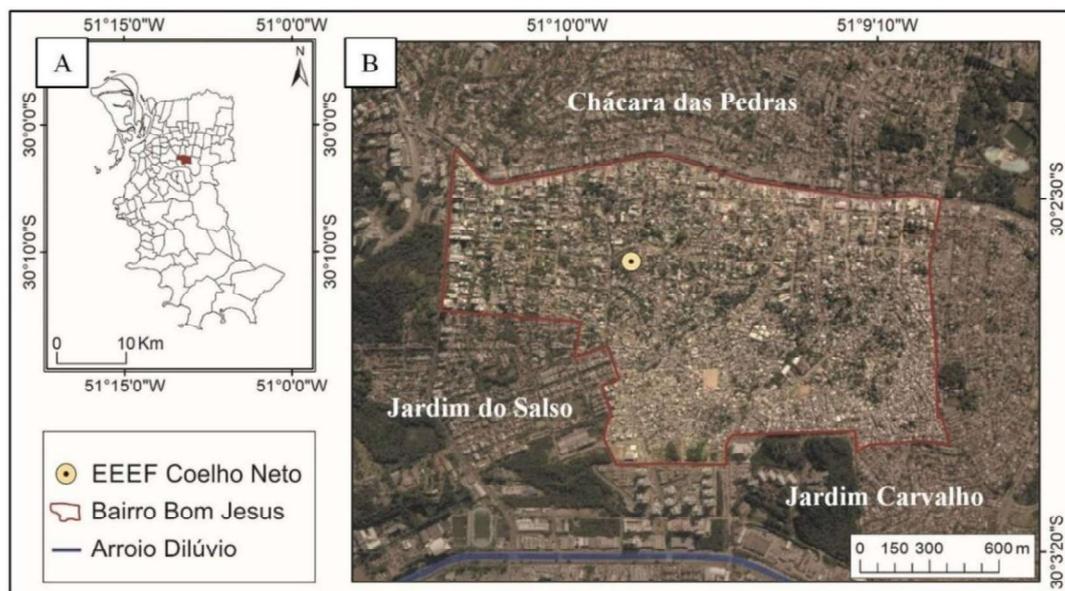
Para esta pesquisa considerou-se os lugares que fazem parte do cotidiano dos alunos para o planejamento e desenvolvimento das aulas: o bairro Bom Jesus e a cidade de Porto Alegre. Contudo, os outros níveis, além do local, também foram considerados a fim de permitir explicações adequadas, como o Estado do Rio Grande do Sul (nível regional), o Brasil (nível nacional) e o nível global.

Localização e caracterização da escola

O bairro Bom Jesus está situado na zona leste de Porto Alegre (RS) (Figura 1 – A). É essencialmente residencial, dispondo de pequeno comércio e serviços e, de acordo com Silveira (2018), é considerado como uma das periferias da cidade. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010), o bairro abriga um contingente populacional de aproximadamente 30 mil habitantes, representando 2% da população total do município.

O início da formação do bairro coincidiu com uma das fases de “modernização” do município de Porto Alegre, caracterizada pelas remoções e despejos das populações negras que residiam na região central da cidade, que passam a se destinar à periferia (VIEIRA, 2017).

Figura 1 – Mapa de localização da área de estudo. (A) o bairro Bom Jesus no município de Porto Alegre. (B) o bairro Bom Jesus, com destaque no ponto para a Escola Estadual de Ensino Fundamental Coelho Neto.



Fonte: elaborado pela autora (2019).

O IBGE (2010) aponta alguns indicadores da infraestrutura do bairro, como: abastecimento público de água potável (100%), presença de bueiro/boca-de-lobo (50%), esgoto a céu aberto (7%), esgoto adequado (90%), moradias precárias (50%). A fonte para a aquisição dos dados, pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre (POA, 2019), foi o Censo Demográfico realizado pelo IBGE no ano 2010.

Procedimentos metodológicos

As práticas pedagógicas foram aplicadas com uma turma de 6º ano com aproximadamente 25 alunos, com idade entre 12 e 18 anos, sendo 55% meninas e 45% meninos, e 60% pretos (as) ou pardos (as) e 40% brancos (as). Os principais lugares estudados foram os do cotidiano dos estudantes: o bairro Bom Jesus e a cidade de Porto Alegre. Contudo, os outros níveis (regional, nacional e global) também foram considerados a fim de permitir explicações adequadas.

O objetivo foi aproximar o aluno da compreensão de paisagem e sua relação com o cotidiano e o lugar. Para isso, a organização e desenvolvimento das aulas seguiu os seguintes tópicos: os elementos formadores das paisagens, sua temporalidade, transformação e interesses envolvidos; e a aproximação do conceito com o local, a memória e a identidade (CALLAI, 2017).

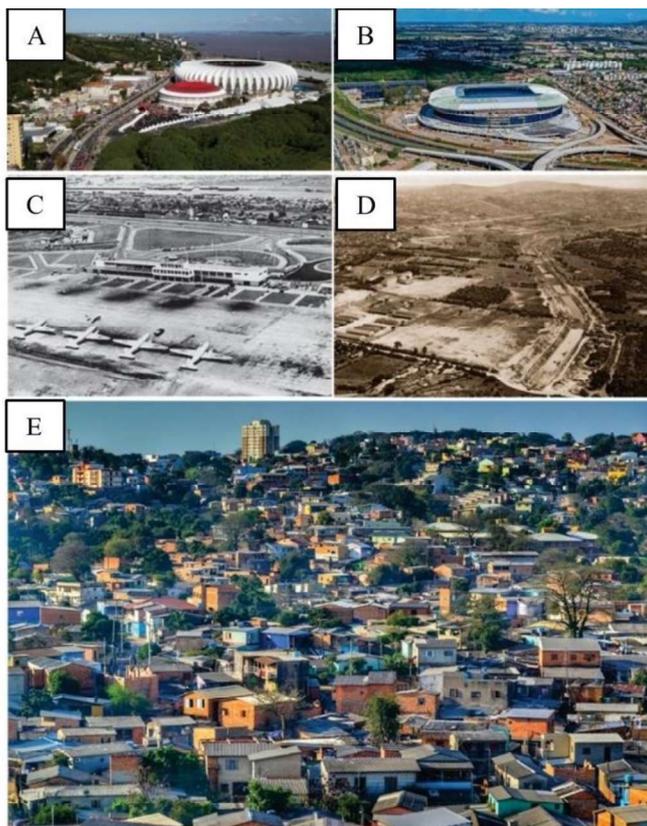
A análise dos resultados das práticas pedagógicas apresentadas no presente trabalho foi qualitativa, para a qual destacou-se apontamentos de estudantes sobre os conteúdos trabalhados, feitos através da escrita, desenho ou oralmente em sala de aula. Também se optou por utilizar duas ferramentas de avaliação, sendo estas desenhos e textos, buscando atingir alunos com diferentes inteligências.

Percepção dos elementos formadores das paisagens, sua temporalidade, transformação e interesses envolvidos através de fotografias

241

No primeiro momento da primeira aula foi realizada uma apresentação, onde foi questionado onde os estudantes moravam. Em seguida, foram utilizadas fotografias de paisagens do cotidiano de Porto Alegre (Figura 2) como recurso didático. Foi solicitado que observassem os elementos das paisagens e que escolhessem uma das fotografias para registrar no caderno cinco elementos (naturais, humanos e/ou naturais humanizados). Inicialmente, conceitualizou-se como elemento tudo aquilo que podiam observar nas paisagens. Buscou-se identificar com a turma de onde eram as fotografias (Figura 2). Em seguida, foram registrados no quadro alguns elementos que escreveram sobre as fotografias a fim de debater sobre temporalidade, transformação e interesses envolvidos - econômicos, políticos e culturais - a partir dos elementos descritos.

Figura 2 - Fotografias de paisagens. (A) Estádio Beira-Rio. (B) Arena do Grêmio. (C) Aeroporto Salgado Filho na década de 1960. (D) Início da construção da PUCRS na década de 1950. (E) Bairro Bom Jesus.



Fontes: (A) Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2014); (B) Ducker (2012); (C) Prati (2019); (D) Prati (2017); (E) Porto Alegre 24h (2018).

Buscou-se instigá-los a debater sobre os interesses envolvidos a partir de questionamentos sobre as paisagens, como: para que é utilizada? Quem a frequenta? Por que ela está nesse local? etc. Utilizou-se as figuras C e D (Figura 2) para auxiliar no entendimento da temporalidade, pois representam paisagens em décadas passadas, sendo a Figura 2-C de conhecimento do cidadão porto-alegrense por tratar-se do aeroporto da cidade, e a Figura 2-D por ser da construção de uma grande universidade localizada próxima ao bairro Bom Jesus.

Percepção da paisagem e sua relação com o local, a memória e a identidade através de textos e desenhos

Como atividade de reflexão da primeira aula, foi solicitado que representassem em forma de texto ou desenho a paisagem de um lugar importante para eles, objetivando construir esse conceito também através do local, memória e identidade como proposto por Callai (2017).

Como atividade avaliativa foi formulada uma questão com o conceito de paisagem (Figura 3) que, além de objetivar abordar esse conceito, foi incentivado o uso da percepção por meio dos sentidos apresentando não só a visão como formadora do conceito de paisagem.

Figura 3 – Questão sobre paisagem em avaliação.

Observe a paisagem de uma parte do bairro onde você mora (Bom Jesus):



Considerando o que é paisagem, **escreva um texto de no mínimo 5 (cinco) linhas**, destacando **três elementos naturais** e **três elementos culturais** que você observa no dia-a-dia no seu bairro. Lembre-se que os elementos são observados através dos sentidos, principalmente da visão, audição e olfato.

Fonte: texto: elaborado pela autora (2019); figura: Porto Alegre 24h (2018).

Avaliação do material escrito, desenhado e verbalizado

Os textos foram avaliados utilizando uma ferramenta de nuvem de palavras, onde pode ser observada a repetição de alguns elementos da paisagem. Inseriu-se no aplicativo online *WordClouds* as palavras citadas (elementos da paisagem) e quantas vezes elas apareciam, gerando uma imagem que hierarquiza visualmente a frequência de aparecimento dessas palavras.

Para avaliação dos desenhos foi utilizada a metodologia de Kozel (2007) que aborda a disposição de elementos nos mapas mentais: 1) Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; 2) Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem; 3) Interpretação quanto à especificidade dos ícones; e 4) Apresentação de outros aspectos ou particularidades. Para avaliação dos comentários verbalizados pelos alunos, foram anotados os que mais se repetiram entre os mesmos.

Resultados

Percepção dos elementos formadores das paisagens, sua temporalidade, transformação e interesses envolvidos

Ressaltamos que todos os alunos afirmaram morar no bairro Bom Jesus. A primeira atividade, na qual foi solicitado aos estudantes que escolhessem uma das fotografias de paisagens do cotidiano (Figura 2) e anotassem cinco ou mais elementos que chamaram atenção, gerou bastante agito entre os alunos e interação na aula. Em relação à fotografia da paisagem do bairro, poucos (aproximadamente 5, dos 25 presentes) sabiam que era no Bom Jesus (Figura 2 - E) e os elementos mais verbalizados foram: “muitas casas”, “muitos prédios”, “cheiro de esgoto”, “árvores” e “becos”.

Em geral, a maioria identificou elementos culturais e relataram sua percepção sobre os mesmos através dos diferentes sentidos. Em relação à temporalidade e à transformação, muitos conseguiram identificar a Figura 2 - C como do aeroporto. Contudo, não identificaram a Figura 2 - D, de uma importante avenida próxima ao bairro. A discussão sobre a temporalidade e da transformação das demais paisagens não evoluiu muito, apesar de ser instigada. O mesmo ocorreu em relação ao debate sobre os interesses envolvidos nas paisagens, ficando em apontamentos como “serve para jogar futebol” (Figura 2 – A e B) e “para andar de avião” (Figura 2 - C), por exemplo. Contudo, acredita-se que a discussão poderia ser aprofundada caso fosse dedicado mais tempo à mesma. Ou ainda, caso os estudantes tivessem uma base mais sólida de Geografia Urbana; ressalta-se que se tratava do início do ano letivo com uma turma de 6º ano do ensino fundamental.

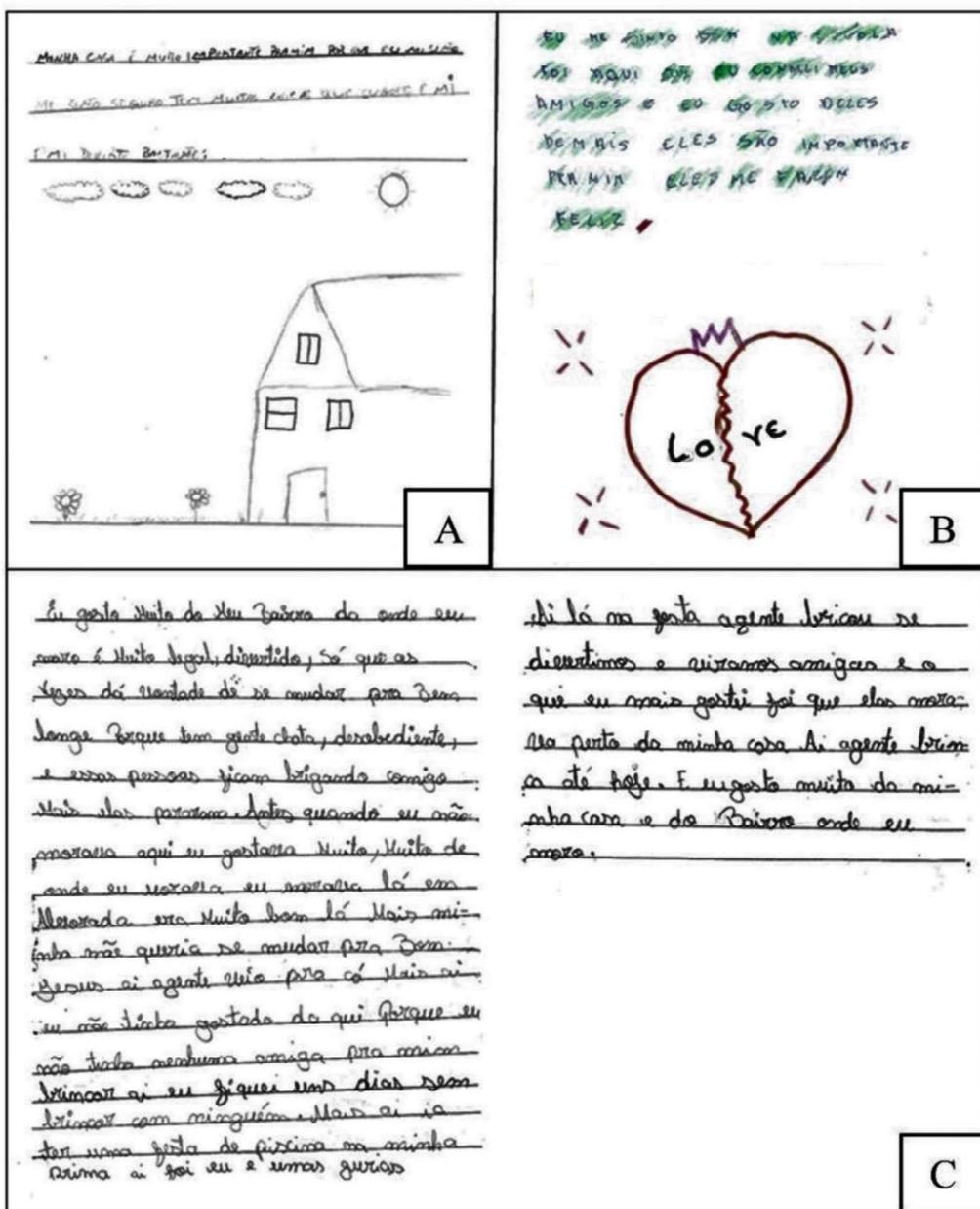
Percepção e relação da paisagem com o local, a memória e a identidade

Na atividade na qual foi solicitado aos estudantes que representassem em forma de texto ou desenho a paisagem de um lugar importante para eles - com o objetivo de aproximar o conceito com o local, a memória e a identidade - aproximadamente metade das representações foram de paisagens que se encontraram dentro dos limites do bairro, como a própria casa, a escola ou o bairro como um todo (Figura 4 - A, B, C e D, respectivamente).

Essa atividade inicial de reconhecimento foi fundamental para entender quais as percepções e sentimentos dos alunos em relação ao bairro, e onde é o lugar que o discente considera como “casa”. As casas desenhadas são geralmente representadas com elementos como árvores, nuvens, sol e flores (Figura 4 - A, por exemplo), o que reflete uma imagem de paisagem diferente daquela descrita (discussão abaixo): “muitos carros, muitas casas, muitas construções”. Os problemas ambientais e as mazelas sociais (Kaercher 2007) também não foram desenhados. Além disso, ressalta-se que por vezes os desenhos representam paisagens imaginárias, ou seja, aquelas vistas em filmes ou fotografias, quando os alunos desenhavam casas com sótão, por exemplo (Figura 4 - A).

Acredita-se que a casa dos alunos seja como um recinto de descanso e privação da vulnerabilidade social do exterior, por isso o desenho de flores e corações representando seu lugar de vivência, ou ainda tenha uma questão topofílica associada. No que tange à disposição do desenho, também podemos observar o exagero de alguns elementos como, por exemplo, o coração (Figura 4 - B) que, contudo, deve expressar o sentimento de carinho pela escola e pelos amigos. Além de corações, foi desenhado uma coroa (Figura 4-B), o que acreditamos que seja no sentido de salientar a destacada importância que a escola e os amigos possuem.

Figura 4 – Respostas de alunos para a atividade sobre a paisagem de um lugar importante.



Fonte: elaborado por alunos (2019).

Em relação aos relatos escritos, alguns alunos consideram a casa na praia onde mora como sua moradia, outros retratam que a casa tem piscina e vários toboáguas. Nesses casos, a topofilia é desenvolvida por outros ambientes, dificultando a questão do ensino do lugar. Contudo, alguns estudantes relataram gostar de sua casa e do seu bairro, apesar dos sentimentos contraditórios em relação ao último (Figura 4 - C, por exemplo). Assim, ao trabalhar com a paisagem do bairro Bom Jesus, o docente precisa considerar essas nuances para que todos alunos consigam compreender os conceitos.

Portanto, para se falar da paisagem do Bom Jesus, foi fundamental fazer esse primeiro levantamento do que é paisagem para eles.

Evidenciou-se que a percepção da paisagem foi melhor retratada nos textos, visto que a riqueza de detalhes expostos é maior. Observou-se que aspectos negativos não foram retratados nos desenhos, mas somente nos textos e verbalmente. Além disso, ressalta-se que, em geral, houve uma resistência ao fazer desenho, demonstrada verbalmente quando a atividade foi proposta; ainda assim, metade dos estudantes (11 de 22) representaram suas paisagens por esse meio. Além disso, alguns elementos são realmente mais complexos de representar graficamente, como cheiros e sons.

A questão da avaliação (Figura 3) evidenciou a importância de aproximar o estudante da compreensão do conceito de paisagem e sua relação com o lugar. Destaca-se que maior parte dos elementos citados no texto foram aqueles observáveis através da visão (Tabela 1). Isso vai ao encontro de Tuan (1980), quando discorre sobre os sentidos utilizados pelos seres humanos na percepção ambiental, destaca a visão como o mais aguçado e evoluído, sendo o que mais conscientemente depende para repensar o mundo.

Tabela 1 – Elementos citados em resposta dos alunos e os sentidos utilizados para observá-los na paisagem.

Visão		Audição	Olfato
Buracos	Crianças jogando futebol	Som dos passarinhos	Cheiro estranho
Alagamento	Crianças brincando	Cachorro latindo	Cheiro de bicho morto
Lixo no valão e na rua	Trabalhadores	Tiroteio	Cheiro de comida
Ratos	Carroças	Pessoas se chamando de palavras	Cheiro ruim
Poluição dos esgotos	Escolinha Afaso	Barulho de veículos	Perfume das pessoas
Ruas embarradas	Árvores	Música alta	
Campos de futebol	Pôr-do-sol	Muitos gritos	
Prédios altos	Aves		
Becos e ruas	Rios		
Pracinhas	Morros		
Lojas			
Plantações			
Cores das casas			

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Contudo, o olfato – os cheiros – também é um dos sentidos que perpassa os elementos mais descritos pelos alunos ou, de forma indireta, o lixo e a poluição. Isso porque na

maioria das vezes o cheiro vinha acompanhado de um adjetivo relacionado a coisas desagradáveis, como de “bicho morto” (Tabela 1). Ainda, o “cheiro de comida” remete a outro sentido, o paladar. Isso demonstra que os alunos possuem uma memória visual e uma olfativa, que os coloca como protagonistas do ambiente entorno da escola, e de acordo com Cavalcanti (2002), isso permite ao professor construir a Geografia a partir das espacialidades cotidianas. Acredita-se que, em contraposição, alunos que estudam em bairros longínquos e necessitam de transporte público para fazer o deslocamento, por exemplo, muitas vezes ficam alheios a percepções mais aprofundadas do caminho casa-escola e do bairro em que estudam.

Um dos elementos mais citados foi “prédios” (Figura 5), apesar da baixa concentração dos mesmos no bairro. Nos desenhos também observamos representações que não correspondem a realidade dos alunos. Isso pode ter variadas explicações: uma está associada a paisagem urbana que é vivenciada pelos alunos, e o prédio seria um símbolo dessa ocupação humana densa; por outro lado, o relevo de morros do bairro pode dar a ideia de construções mais altas que realmente são; ou ainda esses prédios podem representar a paisagem de outros bairros que os alunos conhecem, como o centro da cidade. Kozel (2007) ressalta que o aluno representa o espaço vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação.

Figura 5 – Nuvem de palavras que apareceram na atividade.



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Por outro lado, os alunos apresentam palavras que remetem ao espaço natural como árvores, sol, animais, campo e cores (Figura 5). Esse impasse entre os ambientes pode ser fruto dessa dicotomia natural x construído, que entremeia as discussões sobre a paisagem. Comumente a paisagem é apresentada como sinônimo de área natural, com rios limpos, árvores frondosas e animais e pessoas convivendo harmoniosamente. Essa associação utópica é um dos principais desafios a serem vencidos na compreensão do conceito de paisagem.

Ainda no que tange a avaliação dos textos escritos pelos alunos, é possível evidenciar a presença de exageros, pois citam muitas casas, carros, praças e até por vezes repetidamente esses objetos são citados (Figura 6 - E, por exemplo), o que pode estar atrelado à alta densidade de ocupação do bairro. Também demonstram a consciência ambiental do que é “certo” e “errado”, demonstrando a preocupação com a “natureza” (Figura 6 - C, por exemplo). De fato, ocorre essa visão de que a natureza é algo intocado em contraste ao construído.

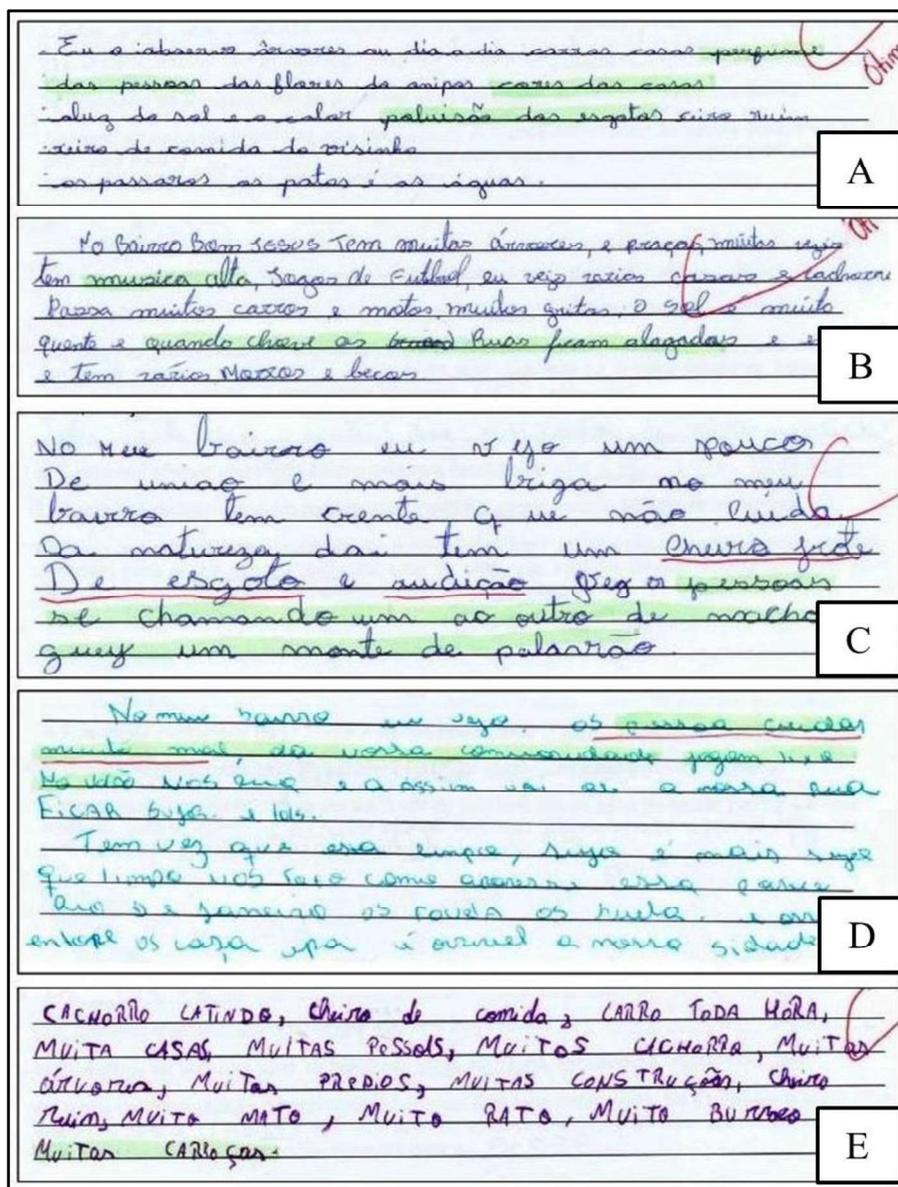
Embora haja várias menções a cheiros ruins, o aluno com o texto representado na Figura 6 - A, cita a palavra perfume e a atribui às flores e aos amigos. Acredita-se que o perfume esteja associado a um sentimento topofílico criado pela paisagem e o lugar, já que o mesmo aluno cita aspectos negativos do bairro, associados a “poluição dos esgotos”.

Os problemas ambientais levantados podem ser uma boa estratégia para análise integrada da ação antrópica no espaço geográfico, trazendo outros conceitos além do lugar. Além disso, um dos alunos (Figura 6 – C) aborda questões imateriais da paisagem vivida – questões de relações com os vizinhos, expondo as questões sociais que acontecem no bairro e que também fazem parte do conjunto de vivências dos alunos. É mais comum entre os alunos a apresentação do vivido e que ocorre no presente. Essa dificuldade da representação e descrição da temporalidade contida na paisagem já foi evidenciada na primeira atividade realizada nesta pesquisa.

Observou-se que algumas das respostas dos estudantes poderiam ser utilizadas como ferramenta para construção de outros conceitos, como por exemplo orientação (“luz do sol” - Figura 6 - A), biogeografia (“árvores” – Figura 6 – A, B e E) e também problemas

socioambientais urbanos (“poluição dos esgotos, cheiro ruim”; “quando chove as ruas ficam alagadas e embarradas”; “as pessoas cuidam muito mal da nossa comunidade, jogam lixo no valão e nas ruas e assim a rua fica suja” – Figura 6 – A, B e D, respectivamente).

Figura 6 – Respostas de estudantes para a atividade sobre a paisagem do bairro



Fonte: elaborado por alunos (2019).

Verificou-se que os dados do IBGE de 2010 (POA, 2019) citados anteriormente na caracterização da área de estudo (esgoto a céu aberto: 7%; e moradias precárias: 50%,

por exemplo), se aplicam atualmente, apesar de passar dez anos da aquisição, tendo ocorrido manifestações de muitos alunos em relação às condições precárias das moradias e também à insuficiência de bueiros e suas consequências, como alagamentos, por exemplo.

Em geral, observou-se uma significativa capacidade dos estudantes de descrever a paisagem do lugar onde vivem, dos seus deslocamentos, das suas vizinhanças. Considerando que o bairro é uma das periferias da cidade, essa característica dos estudantes vai ao encontro de Santos (2006) que, ao tratar sobre o Lugar e o Cotidiano, discorre sobre a diferença que há entre a percepção sobre os lugares de pessoas com maior poder aquisitivo e pessoas com menor poder aquisitivo. O autor afirma que as primeiras têm mais facilidade de mobilidade e percorrem os espaços com mais rapidez, observando menos suas características. Já as segundas se movem nos espaços com menor velocidade, por dificuldade de mobilidade e por viverem nas periferias e, assim, observam mais os espaços pelos quais passam. Logo, estas pessoas têm uma visão mais ampla e diferenciada dos lugares e de seus problemas. Além disso, têm uma relação mais próxima com as pessoas que vivem a sua volta, já que as residências tendem a ser próximas (SANTOS, 2006).

Considerações finais

Acredita-se que considerar o conhecimento prévio dos alunos, seu cotidiano e seu lugar, foi essencial para trabalhar de forma mais próxima da realidade dos mesmos. Foi possível perceber que, para os estudantes, era relevante falar sobre a sua vivência como morador, surgindo nos trabalhos e nas falas em sala de aula alguns “desabafos” sobre as relações sociais que existem na comunidade.

Ressalta-se que o fato de todos estudantes morarem no bairro onde se localiza a escola facilita essa proposta. Contudo, imagina-se que ela pode ser também aplicada para uma turma de escola central onde, provavelmente, os alunos residem em outras regiões, abordando um espaço de vivência em comum, como o da escola.

Em relação às discussões sobre a temporalidade, a transformação e os interesses envolvidos nas paisagens, constatou-se que a discussão não evoluiu muito, apesar de

ser instigada. Talvez, isso se deva a própria idade dos alunos, sendo mais jovens e não tendo vivenciado grandes transformações à sua volta, ou ainda, pode-se relacionar ao espaço vivido que, de fato, não apresenta alterações a fim de desenvolver o olhar crítico em relação à transformação da paisagem. Ressalta-se, que nos textos e desenhos também não houve a inserção de critérios temporais ou transformações da paisagem.

Observou-se que a riqueza dos detalhes foi maior nas descrições em texto assim, acredita-se que foi o instrumento metodológico que mais deu certo para esse contexto. Constatou-se que a visão foi o sentido mais utilizado para descrever a percepção da paisagem. Além disso, houve um equilíbrio entre a descrição dos elementos naturais e culturais, bem como de aspectos positivos e negativos.

Por fim, constatou-se que o processo de ensino e aprendizagem de conceitos geográficos pode ser realizado a partir de propostas de aulas que abordem o estudo do lugar, vinculadas ao cotidiano dos alunos, possibilitando uma maior aproximação dos mesmos com o conteúdo desenvolvido em aula.

Referências bibliográficas

ANDREIS, Adriana Maria. *Da informação ao conhecimento: cotidiano, lugar e paisagem na significação das aprendizagens geográficas na educação básica*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/398/Adriana%20Maria%20Andreis.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque. A Base Nacional Comum Curricular e a produção de práticas pedagógicas para a geografia escolar: desdobramentos na formação docente. IN: *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, 2020, v. 10, n. 19, p. 173-197.

_____, Valéria de Oliveira Roque; VALADÃO, Roberto Célio. Por uma geomorfologia socialmente significativa na geografia escolar: uma contribuição a partir de conceitos fundantes. IN: *ACTA Geográfica*, Boa Vista, Edição Especial, 2017, p. 179-95.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. IN: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; e KAERCHER, Nestor André. (Orgs.). *Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano*. 12. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017.

_____, Helena Copetti. *A formação do profissional de Geografia: o professor*. Ijuí: Unijuí, 2013.

_____, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Carlos Antonio. *Ensino da geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 103.

CAVALCANTI. Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus, 2013.

_____, Lana de Souza. *A Geografia Escolar e a Cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas: Papirus, 2008.

_____, Lana de Souza. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Alternativa, 2002.

COSTELLA, Roselane Zordan. Movimentos para (não) dar aulas de geografia e sim capacitar o aluno para diferentes leituras. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André. *Movimentos no ensinar geografia*. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013, p. 63-74.

DUCKER. *Foto aérea mostrando a Arena do Grêmio e seu entorno: Foto de Vitor Kalsing*. 2012. Disponível em: <<http://aovivo.ducker.com.br/2012/11/29/foto-aerea-mostrando-a-arena-do-gemio-e-seu-entorno-foto-do-vitor-kalsing/>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Copa 2014: Beira-Rio*. 2014. Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/copa-2014-beira-rio>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

KAERCHER. Docenciando me existencio. Existenciando, penso a docência. Porque ela me constitui como ser do e no mundo. In: SILVA, Eunice Isaías; e PIRES, Lucineide Mendes. (Org.). *Desafios da didática de geografia*. Goiânia: PUC Goiás, 2013. p. 177-194.

_____, Nestor André. *Desafios e Utopias no Ensino de Geografia*. 3. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010.

_____. Práticas geográficas para lerpensar o mundo, converentendersar com o outro e entendescobrir a si mesmo. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANI, Antônio Carlos; e KAERCHER, Nestor André. (Orgs.). *Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio*. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 15-34.

KOZEL, Salete. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, Salete; COSTA, Josué; e GIL FILHO, Sylvio Augusto (Orgs.). *Da percepção e*

cognição à representação: reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007, p. 114-38.

POA, Observa. *Porto Alegre em análise: Bairro Bom Jesus*. Disponível em: <http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=56_5_242>. Acesso em: 21 nov. 2019.

PORTO ALEGRE 24H. *Conheça a história do bairro Bom Jesus*. 2018. Disponível em: <<https://www.poa24horas.com.br/conheca-historia-do-bairro-bom-jesus/>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

PRATI. Porto Alegre – *Aeroporto: década 1960*. 2019. Disponível em: <https://prati.com.br/wp-content/uploads/photo-gallery/PortoAlegreABC/Porto_Alegre_Aeroporto_d%c3%a9c1960.jpg>. Acesso em: 26 nov. 2019.

_____. Porto Alegre – *Campus PUCRS: década 1950*. 2017. Disponível em: <<https://prati.com.br/porto-alegre/porto-alegre-campus-pucrs-decada-1950.html>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e tempo. Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006. 377 p.

_____, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 61.

SILVEIRA, Bruno Xavier. *“Da Bonja pro mundo”: o território vivido como potência identitária no ensino de geografia*. 2018. 238 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189994/001089586.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 out. 2019.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

VIEIRA, Daniele Machado. *Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800-1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano*. 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177570>>. Acesso em: 30 out. 2019.